



O ENSINO DA BIOÉTICA PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

THE TEACHING OF BIOETHICS FOR THE ACADEMIC TRAINING OF HEALTH PROFESSIONALS

Autores

Gustavo Silva Abrahão¹
 Paulo André de Lacerda Alves²
 Dayana Pousa Siqueira Abrahão²
 George Kemil Abdalla²
 Douglas Reis Abdalla²

Resumo

Introdução: Os profissionais da área de saúde devem conciliar, no seu exercício profissional, além do saber científico-tecnológico, um embasamento ético-moral. Um profissional pleno é aquele que abriga em seu elenco de habilidades qualificação científica, tecnológica e ética. **Objetivo:** Analisar, através de uma revisão da literatura, o ensino da bioética para a formação acadêmica (graduação e pós-graduação) dos profissionais de saúde. **Metodologia:** Trabalho de Revisão da Literatura acerca do ensino da bioética para a formação acadêmica dos profissionais de saúde realizado através de pesquisa em base de dados científicos on line (SciELO, Bireme, Periódicos Capes) e no acervo pessoal. A busca compreendeu o período de 1988 a 2018. **Referencial Teórico:** A bioética é um conteúdo recente no ensino do Brasil e os primeiros passos para seu implemento no meio acadêmico foram dados, no início dos anos 1990. Somente em 2001, com as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação da Saúde que a Bioética apareceu como um dos conhecimentos a serem adquiridos durante a graduação. O ensino da bioética aos profissionais de saúde deve ser provido de um caráter preciso e não limitar-se à reflexão geral de princípios; deve ser concebido como resultado da cultura geral do século XXI, permitindo a todos exercer suas responsabilidades próprias diante das novas situações provenientes do avanço das ciências da vida. **Considerações Finais:** Ensinar ética/bioética passa a ser um desafio que vai além da inclusão de disciplinas na "grade curricular" ou da simples inserção aleatória de conteúdos específicos a serem discutidos em raros momentos durante o curso de graduação.

Palavras Chaves: bioética, ética médica, ensino, saúde, educação superior

Filiação

¹ Curso de Fisioterapia, Universidade de Uberaba

² Curso de Enfermagem, Faculdade de Talentos Humanos

Autor Correspondente

Gustavo Silva Abrahão
 Curso de Fisioterapia, Universidade de Uberaba, Avenida Nenê Sabino, 1801.
 CEP: 38055-500. Uberaba, MG, Brasil.
 Tel: +055-34-3319-8800. E-mail:
 gustavo_abrahao@yahoo.com.br

Abstract

Introduction: Health professionals should combine, in their professional practice, in addition to scientific-technological knowledge, an ethical-moral basis. A full professional is one that houses in its cast of skills scientific, technological and ethical qualification. **Objective:** To analyze, through a review of the literature, the teaching of bioethics for the academic (undergraduate and graduate) training of health professionals. **Methodology:** Literature Review work on the teaching of bioethics for the academic training of health professionals carried out through research in scientific databases on line (SciELO, Bireme, Periódicos Capes) and in the personal collection. The search comprised the period from 1988 to 2018. **Theoretical Reference:** Bioethics is a recent content in Brazilian education and the first steps for its implementation in the academic milieu were given in the early 1990s. Only in 2001, with the Curricular Guidelines National Health Graduation Courses that Bioethics appeared as one of the knowledge to be acquired during graduation. The teaching of bioethics to health professionals must be provided with a precise character and not limited to the general reflection of principles; must be conceived as a result of the general culture of the twenty-first century, allowing everyone to exercise their own responsibilities in the face of new situations arising from the advancement of the life sciences. **Final Considerations:** Teaching ethics / bioethics becomes a challenge that goes beyond the inclusion of disciplines in the "curriculum grid" or the simple random insertion of specific contents to be discussed at rare moments during the undergraduate course.

Keywords: bioethics, medical ethics, teaching, health, higher education.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a necessidade de abordar o debate sobre o ensino da ética, em especial nos cursos da área de saúde, tem crescido nos últimos anos (CARNEIRO et al., 2010).

O estímulo para implementação da ética profissional de saúde está fortemente relacionada à necessidade de desenvolver uma consciência ética de relação ou imprimir, na personalidade do educando, um forte senso de respeito incondicional aos direitos fundamentais e também oferecer ao profissional de saúde a postura ética aprendida e estimulada, saudável e proveitosa na relação com o paciente, outros profissionais e a sociedade em geral. De forma que o profissional esteja melhor paramentado para embate diário da tomada de decisões (GOMES, 1996).

Os profissionais da área de saúde devem conciliar, no seu exercício profissional, além do saber científico-tecnológico, um sólido embasamento ético-moral. Um profissional pleno é aquele que abriga em seu elenco de habilidades qualificação científica, tecnológica e ética (FRANCISCONE; GOLDIM; LOPES, 2002).

O estudo de novas temáticas e discussões com o surgimento da Ética Prática ou Bioética propicia ao estudante o desenvolvimento da visão crítica sobre a diversidade de valores que devem envolver as relações em Saúde (ZANATTA; BOEMER, 2007).

Considerando a ética um requisito essencial na chamada arte clínica, em especial neste momento, em que vivemos imersos em um acelerado avanço científico e tecnológico é ampliado o questionamento de como a produção científica brasileira tem abordado o tema do ponto de vista da educação em saúde, uma vez que se encontra em um processo contínuo e crescente de adequação com profundas modificações a partir da proposta de reorientação do modelo de formação em saúde (CARNEIRO et al., 2010).

Desta forma, o objetivo deste estudo foi analisar, através de uma revisão da literatura, o ensino da bioética para a formação acadêmica (graduação e pós-graduação) dos profissionais de saúde.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este é um trabalho de Revisão da Literatura acerca do ensino da bioética para a formação acadêmica dos profissionais de saúde realizado através de pesquisa em base de dados científicos on line (SciELO, Bireme, Periódicos Capes) e no acervo pessoal. A busca compreendeu o período de 1988 a 2018 e as palavras chave utilizadas foram bioética, ética médica, ensino, saúde, educação superior.

REFERENCIAL TEÓRICO

Cada vez mais e mais rapidamente, o mundo moderno enfrenta mudanças intensas. Em especial a partir das grandes guerras, onde foram vivenciadas inimagináveis violações dos direitos humanos e um associação destes abusos ao avanços científicos e tecnológicos sem precedentes, que despertaram a atenção para a necessidade de estabelecimento de diretrizes e padrões norteadores que fossem capazes de afiançar os princípios éticos, destacando-se (CARNEIRO et al., 2010):

- Código de Nuremberg (1947), resultado das discussões e julgamentos no Tribunal de Nuremberg, após a 2ª Guerra Mundial;
- Declaração dos Direitos do Homem (1948), documento da Organização das Nações Unidas;
- Declaração de Helsinque (1964 e versões posteriores de 1975, 1983, 1989, 1996, 2000 e 2008);
- Relatório Belmont (1978), que definiu princípios éticos norteadores de pesquisas com seres humanos;
- Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentou a pesquisa com seres humanos no Brasil.

No cenário de mudanças nos direitos humanos e nas ciências, surge a bioética. Para Van Rensselaer Potter, considerado o criador deste neologismo. Apesar que em 1927, em um artigo publicado no periódico alemão *Kosmos*, Fritz Jahr utilizou pela primeira vez a palavra bioética (bio + ethik), ela se configura como a ética da sobrevivência, da vida e do ser vivo. Obrigações éticas, não apenas com relação ao ser humano, mas para com todos os seres vivos. Caracteriza-se por seus aspectos filosófico, científico e sociopolítico (DURAND, 2003; GOMES et al., 2006).

A Bioética, ou ética aplicada à vida, surgiu nos Estados Unidos. Esta palavra foi, como dita anteriormente, descrita por Van Rensselaer Potter, em 1971, mas o termo foi introduzido por André Hellegers. Potter imprimiu a ela um sentido ecológico: "ciência da sobrevivência" (ZANATTA; BOEMER, 2007).

Por isso, pode-se dizer que existem duas formas de compreender a Bioética, quais sejam: de um lado, Potter pensou construir uma disciplina que iria unir conhecimentos biológicos a valores humanos; de outro, Hellegers acreditava que "a bioética seria uma disciplina que combinava ciência e ética", pois o seu papel seria o de fazer "uma ponte entre a medicina, a filosofia e a ética" (REICH, 1994 p. 323).

A Bioética, hoje, é considerada como "o estudo sistemático da conduta humana na área das ciências da vida e aos cuidados da saúde, na medida em que esta

conduta é encaminhada à luz de valores e princípios morais". Os princípios da bioética são: princípio da autonomia (é a autodeterminação real e universal do homem, independência da vontade, escolha individual); princípio da beneficência (ação voltada para o benefício do ser humano) e o princípio da justiça (tratar os iguais como iguais e os diferentes como diferentes na justa medida da sua desigualdade, reconhecer igualmente, sem distinção, o direito de cada um) (CLOTET, 1993).

A bioética é um conteúdo relativamente recente na realidade do ensino no Brasil e os primeiros passos para seu adequado implemento no meio acadêmico foram dados, ainda no início dos anos 1990, com a criação dos Comitês de Ética em Pesquisa que tiveram um papel importante na institucionalização da disciplina Bioética, comitês estes que anos mais tardes foram devidamente regulamentados para humanos e ainda mais tarde para o uso animal (DINIZ et al., 2008; BADARÓ, 2008).

Somente a partir de 2001, com as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação da Saúde que a disciplina Bioética apareceu como um dos conhecimentos a serem adquiridos durante a graduação (FIGUEIREDO; GARRAFA; PORTILLO, 2008), pois passaram a recomendar o desenvolvimento de outras competências e habilidades na formação profissional. Nesse sentido, houve uma mudança no perfil da formação profissional na medida em que Bioética apareceu dentre os novos conhecimentos a serem adquiridos durante o processo de formação universitária

O modelo político-institucional adotado pelo Estado tem enorme influência na formação e na prática profissional, sobretudo na área da saúde. A formação profissional, sem dúvidas, é uma das atribuições do sistema educacional, ao qual estão vinculados os cursos superiores. Assim, os estudantes serão introduzidos no campo profissional a partir da educação superior. Os anos de graduação marcam profundamente a personalidade do futuro profissional. O campo educacional, portanto, deve ser estudado com extrema atenção. Este campo tem autonomia e contexto próprios, mas o seu estudo deve ser compreendido em estreita relação com a prática profissional (MONTEIRO, 2005).

No Brasil, a Constituição de 1988 aponta que a educação tem como objetivos básicos o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL 1988). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 1º, enfatiza a abrangência da Educação e abre espaços para a flexibilização dos currículos de graduação, favorecendo a superação do currículo mínimo. Tais diretrizes favorecem as possibilidades de implementação

de projetos pedagógicos inovadores, numa perspectiva de mudança na formação profissional tradicional (BRASIL, 1996).

Esse contexto tem como direcionamento romper com um currículo mínimo que ignorava ou negava características diversificadas da sociedade brasileira. No novo paradigma que se impõe, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) passa a consubstanciar a educação como fenômeno político e social que se propõe a contribuir na formação de cidadãos conscientes de suas responsabilidades sociais e profissionais (LOPES NETO et al., 2007). A construção de um PPC com tais características deve ser encarada como uma construção social envolvendo questões epistemológicas e a transformação das pessoas (MASCARENHAS; BERETTA, 2005).

Numa análise preliminar das Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Medicina, Enfermagem, Farmácia, Biomedicina, Nutrição e Fonoaudiologia, entre outros, constatou-se que os princípios da Bioética tornaram-se requisitos indispensáveis para atender as características da formação generalista, humanista, crítica e reflexiva dos egressos/profissionais. Sobre esse aspecto, considerando que os textos referentes a essa orientação são quase idênticos, tomamos como referência apenas o que preconiza os artigos 3º e 4º das Diretrizes dos Cursos de Graduação da área médica:

Art. 3º O Curso de Graduação em Medicina tem como perfil do formando egresso/profissional o médico, com formação generalista, humanística, crítica e reflexiva, capacitada a atuar, pautada em princípios éticos [...]. Art. 4º A formação do médico tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais: [...] dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética [...] (BRASIL, 2001).

Essa recomendação deixa claro que, para formar um profissional com tais características, não basta a compreensão do ensino da Ética baseada nos Códigos de Ética apenas. Por isso, as universidades tiveram que rever as estratégias Político-Pedagógicas e sua filosofia educacional para adequar os currículos as novas exigências da sociedade. Obviamente, tal reformulação está condicionada ao reconhecimento da inclusão de

disciplina de natureza ético-filosófica já a partir da formação básica.

Sem dúvida, o enfoque da Ética Profissional é indispensável à formação acadêmica, uma vez que ela está relacionada com as dimensões regulamentadoras da prática profissional. Porém, a Bioética insere-se num contexto mais amplo, pois ela “surge relacionada com as exigências da sociedade que questionam os próprios limites legais da prática, vinculando-se ao exercício efetivo da própria cidadania” (REGO; PALÁCIO; SCHRAMM, 2004, p. 170).

Além disso, a Bioética distingue-se da visão deontológica pela sua característica multi, inter e transdisciplinar, as quais devem ser entendidas da seguinte forma:

- Transdisciplinaridade: diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, isto é, entre os limites de suas diferentes fronteiras. Para isso, um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

- Interdisciplinaridade: refere-se à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

- Multidisciplinaridade (também chamada de pluridisciplinaridade): diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo (NICOLESCU, 2000, p. 11).

Para Lenoir (1996) o ensino da bioética aos profissionais de saúde deve ser provido de um caráter preciso e não limitar-se à reflexão geral de princípios; deve ser concebido como resultado da cultura geral do século XXI, permitindo a todos exercer suas responsabilidades próprias diante das novas situações provenientes do avanço das ciências da vida.

Os profissionais da área de saúde devem conciliar, no seu exercício profissional, além da ciência e tecnologia, um sólido embasamento ético-moral. Um profissional competente é aquele que reúne qualificação científica, tecnológica e ética, ciente que, frente a um dilema difícil, deve solicitar auxílio ao Comitê de Ética (FRANCISCONE; GOLDIM; LOPES, 2002).

No Brasil, apesar de a Bioética ter sido, de certa forma, “tardia” por ter dado os primeiros passos efetivos apenas nos anos noventa, ela se desenvolveu significativamente, conquistando admiração e respeitabilidade internacional. Diversas universidades e instituições de ensino brasileiras já iniciaram programas de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* em bioética; além disso, os currículos de formação de futuros profissionais de áreas relacionadas às ciências da vida e da saúde estão procurando ir além da deontologia (ramo da ética que trata dos deveres), da medicina legal e da ética profissional, passando a contemplar, nas grades

curriculares, conteúdos relacionados à bioética (GARRAFA; PESSINI, 2003).

Entretanto, devemos nos questionar se realmente os graduandos e também pós-graduandos dessa área, que estão cursando suas faculdades, especializações, residências, mestrados e/ou doutorados, estão sendo preparados para o enfrentamento prático dilemas bioéticos impostos diariamente no exercício das ações nas diversas profissões da saúde (ZANATTA; BOEMER, 2007). Será que estão desenvolvendo uma consciência a respeito do assunto ou, como refere Lenoir (1996), estão refletindo apenas sobre princípios? Como a Bioética está se mostrando aos alunos da área de saúde? Importantes reflexões necessárias para análise plena e ampliada do tema.

As profissões das diversas áreas da saúde passam atualmente por um processo de reorientação da formação acadêmica em busca de um perfil de egresso mais capacitado a uma assistência humanizada, de alta qualidade e resolutividade. Neste contexto, um desafio central e envolve a formação ética de seus estudantes para o desenvolvimento de competências profissionais e, ao mesmo tempo, de cidadãos prudentes, responsáveis e socialmente comprometidos (FINKLER, CAETANO; RAMOS, 2013).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) propõe que a formação humanista dos profissionais de saúde deve ser prioridade no ambiente de ensino universitário no século XXI (ONU, 1997).

Ramos et al. (2013) constata que o ensino da ética na formação de profissionais de saúde representa requisito essencial na construção do papel dos futuros profissionais. Questões éticas permeiam as experiências pessoais, as vivências nos cenários de ensino e de trabalho, merecendo atenção que contemple as dúvidas e conflitos do processo de formação. Os docentes são responsáveis por proporcionar espaços e pela elaboração de estratégias que deem visibilidade à ética em todos os momentos da formação e promovam a reflexão a partir dos problemas práticos.

Entretanto, no Brasil atualmente o contexto do ensino da ética, os aspectos ético-políticos a serem discutidos em sala de aula estão centrados na figura do docente e no modelo tradicional de ensino, com referências caracterizadas por uma literatura mais tradicional, relegando a literatura crítica a segundo plano, não se preocupando com os estudantes e com os avanços constantes que podem modificar a forma de pensar, interpretar e solucionar o problema (VERZARO et al., 2017).

A pouca relevância dada a esse tipo de conteúdo mostrou-se significativa nos estudos de Ferrari, Silva e Siqueira (2018), o que apenas confirma dados já constatados pela literatura da área. Vem à tona mais uma vez a insuficiente qualificação dos egressos dos cursos de saúde para tomarem decisões clínicas que contem com amparo ético e respeitem valores morais e a manifestação autônoma de vontade dos pacientes (SIQUEIRA; SAKAI; EISELE, 2002; GOMES, 1996).

Diante da prevalência de programas curriculares que subestimam temas humanistas, muitos profissionais, embora tenham domínio de habilidades técnicas, podem se sentir inseguros para tomar decisões clínicas em casos nos quais há complexos conflitos morais e as percepções de valor do profissional divergem das defendidas pelo paciente e seus familiares (REGO, 2003; SIQUEIRA, 2001)

Em um mundo individualizado e pleno de desigualdades, torna-se indispensável criar mecanismos que permitam aproximar mais estudantes de profissionais da área de saúde da realidade social dos pacientes, já que são estes que serão submetidos às intervenções dos profissionais de saúde (FEUERWERKER, 2002). A intensa atividade judicante dos conselhos de profissionais mostra que a maior parte dos processos éticos movidos contra profissionais de saúde resultam da relação insatisfatória profissional-paciente, além do protagonismo desproporcional exercido pelos profissionais em suas tarefas cotidianas (KOECHER et al., 2013). O mesmo pode ser dito das pesquisas realizadas em seres humanos, fato igualmente relatado em publicações científicas sobre o assunto (CARNEIRO et al., 2010).

DISCUSSÃO

Musse (2007) afirma que um curso teórico de introdução a Bioética deveria ser iniciado ainda no ciclo básico da formação de nível superior. Mas de acordo com seu estudo, de âmbito regional, pôde observar que nos 47 cursos de Odontologia das faculdades pesquisadas, somente quatro apresentavam a disciplina na grade curricular. E a mesma era oferecida apenas na metade final do curso, momento no qual esses conhecimentos deveriam estar solidificados, uma vez que influenciarão a conduta dos futuros profissionais durante toda sua vida. O autor ainda complementa que o ensino da Bioética de forma isolada, por meio de metodologia convencional de transmissão passiva do conhecimento é inviável e que deve ocupar todos os momentos possíveis da formação profissional (OLIVEIRA; GUAIUMI; CIPULLO, 2008).

Novaes et al. (2010) analisou a importância da inserção curricular das temáticas da ética, bioética e humanização na formação médica nas séries iniciais dos cursos. E concluiu que tal fato foi essencial para garantir as competências necessárias ao exercício profissional, facilitada mediante aplicação de estratégias metodológicas ativas que buscam a reflexão sobre o tema (D'ÁVILA, 2010).

Puplaksis et al. (2010) diz que o processo do aprendizado da bioética parece estar truncado se não há uma continuidade de reflexão e do exercício de aplicação dos valores em questão a casos concretos, sendo necessário envolver o ensino da bioética numa forma transversal em todos os níveis de formação da graduação, tanto do pessoal médico, como dos profissionais de saúde (RAMOS et al., 2010).

Para Siqueira et al. (2002), somente o conhecimento dos aspectos morais e normativos é insuficiente. É necessário que o profissional em formação exercite sua capacidade crítica e de tomada de decisões, superando o modelo estruturado em disciplinas específicas, muitas vezes dissociadas da vivência e interesse dos estudantes, e que não atende mais às necessidades de formação, que se propõe mais humanista e valoriza as relações (REGO; GOMES; SIQUEIRA-BATISTA, 2008; ATHANAZIO et al., 2004; SIQUEIRA; EISELE, 2000).

Diversos estudos (REGO; GOMES; SIQUEIRA-BATISTA, 2008; GOMES; MOURA; AMORIM, 2006; FIGUEIRA et al., 2004; ATHANAZIO et al., 2004; FERREIRA; RAMOS, 2006; SILVA; GURGEL; MOURA, 2004; SIQUEIRA, 2003; D'ÁVILA, 2002; ALMEIDA et al., 2008; SERODIO; ALMEIDA, 2009) defendem a ética ou bioética como conteúdo transversal na formação, ou seja, sua abordagem nas diversas disciplinas. Contudo, na maioria das vezes, a ética é dada como disciplina independente, recebendo denominações como deontologia, ética e/ou bioética, ou compondo o programa da medicina legal, no caso do curso médico (MUNÕZ; MUNÕZ, 2003; DANTAS; SOUSA, 2008; SIQUEIRA; EISELE, 2000).

Siqueira (2003) lembra que o ensino mais adequado de Bioética pressupõe atividades de ensino com pequenos grupos de estudantes, recorrendo-se a processos interativos e participativos, considerando todas as variáveis do problema apresentando e, sobretudo, utilizando o debate como método de aprendizado. Segundo esse mesmo autor, com a adoção de um novo modelo pedagógico na UEL (Universidade Estadual de Londrina), o PBL (Problem Based Learning - "ensino baseado em problemas"), a ética passou a ser discutida durante todo o período de graduação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da ética e da bioética no currículo integrado de saúde trás contribuições relevantes para o ensino na área de conhecimento. A possibilidade de se criar momentos de discussão e reflexão ética durante todo processo de construção curricular possibilita um novo modelo de ensino que valorize a tomada de decisão em situações práticas do cuidar em saúde. Tal modelo confronta-se com o modelo tradicional de ensino onde a estrutura curricular disciplinar acaba por limitar o conhecimento ético em suas bases teóricas e deontológicas, não proporcionando reflexões voltadas para a prática profissional. Esta proposta curricular propicia o desenvolvimento de atitudes autônomas e reflexivas por parte do estudante, confrontando sua cultura e valores com a cultura e valores dos interessados, em todas as etapas do ciclo de desenvolvimento vital (PESSALACIAL et al., 2011).

Nos dias atuais, a Bioética contribui para reflexão ética e diálogo entre as diversas áreas do conhecimento científico, sempre levando em consideração os valores e princípios morais. Vemos, portanto, a importância dessa disciplina durante a graduação (ZANATTA; BOEMER, 2007).

Como refere Lenoir (1996), o ensino da bioética aos profissionais de saúde deve ser provido de um caráter preciso e não limitar-se à reflexão geral de princípios. Esta disciplina nos proporciona o aguçar de nossos princípios morais e éticos para, no futuro, sabermos lidar com os dilemas bioéticos com os quais nos depararemos em nossa vida profissional.

Como forma de minimizar conflitos éticos durante a atuação profissional – seja nos estágios supervisionados ou mesmo após a formação superior – os educadores podem incluir durante suas exposições, debates e seminários em sala de aula, estudos de caso baseados em situações concretas e persistentes encontradas nas práticas clínicas da profissão, filmes que evidenciam situações conflituosas e com isso estimular o aluno a julgar, raciocinar e tomar a decisão que ele considerar mais acertadas sem excluir o valor sentimental. Para alcançar esse objetivo é essencial que as instituições que oferecem os cursos da saúde adequem as ementas da disciplina Bioética e estimulem uma aproximação precoce dos estudantes com esses temas (PAIVA; GUILHERM; SOUSA, 2014).

Ensinar ética/bioética passa a ser um desafio que vai além da inclusão de disciplinas na “grade curricular” ou da simples inserção aleatória de conteúdos específicos a serem discutidos em raros momentos durante o curso de

graduação – na busca de mudanças significativas e que efetivamente contribuam para a formação dos alunos (MONTEIRO, 2005).

O exercício de fantasiar os futuros embates profissionais nas diversas áreas da saúde em um ambiente seguro e tutorado da sala de aula permite que o egresso esteja melhor instrumentado quando diante da situação real que lhe será imposta no dia a dia da profissão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M.; BITENCOURT, A. G. V.; NEVES, N. M. B. C.; NEVES, F. B. C. S.; LORDELO, M. R.; LEMOS, K. M. et al. Conhecimento e Interesse em Ética Médica e Bioética na Graduação Médica. *Rev Bras Educ Med.*, v. 32, n. 4, p. 437-44, 2008.
- ATHANAZIO, R. A.; LEMOS, K. M.; FONSECA, D. C.; CUNHA, M. S.; BRAGHIROLI, M. I. M.; ALMEIDA, A. M.; et al. Acadêmica; um novo método de estudo continuado sobre ética médica e bioética. *Rev Bras Educ Med.*, v. 28, n. 1, p. 73-8, 2004.
- BADARÓ, A. F. V. Ética e Bioética na Práxis da Fisioterapia: Desvendando comportamentos. [Tese de Doutorado], Brasília: Faculdade de Saúde - UnB; 2008.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico; 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (BR). Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União* 1996 dez 23; 1:27833-41.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução do Conselho Nacional de Educação. CNE/CES n. 4, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 nov. 2001. Seção 1, p. 38.
- CARNEIRO, L. A.; PORTO, C. C.; DUARTE, S. B. R.; CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M. A. O ensino da ética nos cursos de graduação na área da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 34, n. 3, p. 412-421, 2010.
- CLOTET, J. Por que bioética? *Bioética*, v. 1, n. 1, p. 14-19, 1993.

- D'ÁVILA, R. L. A ética médica e a bioética como requisitos do ser moral: ensinando habilidades humanitárias em medicina. *Rev bioét.*, v. 18, p. 311-27, 2010.
- D'AVILA, R. L. É possível ensinar Ética Médica em um curso formal curricular? *Bioética*, v. 10, n. 1, p. 115-26, 2002.
- DANTAS, F.; SOUSA, E. G. Ensino da Deontologia, Ética Médica e Bioética nas Escolas Médicas Brasileiras: uma Revisão Sistemática. *Rev Bras Educ Med.*, v. 32, n. 4, p. 507-17, 2008.
- DINIZ, D.; SUGAI, A.; GUILHEM, D.; SQUINCA, F. Ética em pesquisa: temas globais. Ind. ed. Brasília: Editora UnB; 2008.
- DURAND, G. Introdução Geral à Bioética: história, conceitos e instrumentos. São Paulo: Ed. Centro Universitário São Camilo, Loyola; 2003.
- FERRARI, A. G.; SILVA, C. M.; SIQUEIRA, J. E. Ensino de bioética nas escolas de medicina da América Latina. *Rev. Bioética*, v. 26, n. 2, p. 228-34, 2018.
- FERREIRA, H. M.; RAMOS, L. H. Diretrizes curriculares para o ensino da ética na graduação em enfermagem. *Acta Paul Enferm.*, v. 19, n. 3, p. 328-31, 2006.
- FEUERWERKER, L. C. M. Além do discurso de mudança na educação médica: processos e resultados. São Paulo: Hucitec; 2002.
- FIGUEIRA, E. J. G.; CAZZO, E.; TUMA, P.; SILVA FILHO, C. R.; CONTERNO, L. O. Apreensão dos tópicos de ética médica no ensino--aprendizagem de pequenos grupos. Comparando aprendizagem baseada em problemas com o modelo tradicional. *Rev Assoc Med Bras.*, v. 50, n. 2, p. 133-41, 2004.
- FIGUEIREDO, A. M.; GARRAFA, V.; PORTILLO, J. A. C. Ensino da Bioética na área das Ciências da Saúde no Brasil: Estudo de Revisão Sistemática. *Rev INTERthesis*, v. 5, p. 47-72, 2008.
- FINKLER, M.; CAETANO, J.C; RAMOS, F.R.S. Ética e valores na formação profissional em odontologia: um estudo de caso. *Ciência e Saúde Coletiva*, SC. v.16, n.11, 2013.
- FRANCISCONI, C. F.; GOLDIM, J. R.; LOPES, M. H. I. O papel dos Comitês de Bioética na humanização da assistência à saúde. *Bioética*, v. 10, n. 2, p. 147-157, 2002.
- GARRAFA, V.; PESSINI, L. Bioética: poder e injustiça. São Paulo: Loyola/Centro Universitário São Camilo; 2003.
- GOMES, A. M. A.; MOURA, E. R. F. M.; AMORIM, R. F. O Lugar da ética e bioética nos currículos de formação médica. *Rev Bras Educ Med.*, v. 30, n. 2, p. 56-65, 2006.
- GOMES, J. C. M. O atual ensino da ética para os profissionais de saúde e seus reflexos no cotidiano do povo brasileiro. *Bioética*, v. 4, n. 1, p. 53-64, 1996.
- KOECHE, L. G.; CENCI, I.; BORTOLUZZI, M. C.; BONAMIGO, E. L. Prevalência de erro médico entre as especialidades médicas nos processos julgados pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de Santa Catarina. *Arq Catarin Med.*, v. 42, n. 4, p. 45-53, 2013.
- LENOIR, N. Promover o ensino de bioética no mundo. *Rev Bioética*, v. 4, n. 1, p. 65-70, 1996.
- LOPES NETO, D.; TEIXEIRA, E.; VALE, E. G.; CUNHA, F. S.; XAVIER, I. M.; FERNANDES, J. D.; et al. Aderência dos Cursos de Graduação em Enfermagem às Diretrizes Curriculares Nacionais. *Rev Bras Enferm.*, v. 60, n. 6, p. 627-34, 2007.
- MASCARENHAS, S. H. Z.; BERETTA, M. I. R. Participando da construção de um projeto político pedagógico da enfermagem. *Rev Esc Enferm.*, v. 39, n. 4, p. 437-42, 2005.
- MONTEIRO, P. J. C. O ensino da ética/bioética nos cursos de graduação em enfermagem, medicina e odontologia na cidade de Manaus-AM. 145 fls. Dissertação (Mestrado). Mestre em Ensino e Ciências da Saúde. São Paulo-SP, 2005. 145 fls.
- MUNÕZ, D.; MUNÕZ, D. R. O ensino da ética nas faculdades de medicina do Brasil. *Rev Bras Educ Med.*, v. 27, n. 2, p. 114-24, 2003.
- NICOLESCU, B. Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade. In: NICOLESCU, B. (Org.). Educação e transdisciplinaridade. Brasília: Unesco, 2000. p. 10.

OLIVEIRA, G. B.; GUAUIMI, T. J.; CIPULLO, J. P. Avaliação do ensino de Bioética nas faculdades de medicina do estado de São Paulo. *Arq Ciênc Saúde*, v. 15, P. 125-31, 2008.

ONU. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Projeto Cires-Unesco: evolução transdisciplinar da universidade [Internet]. 1997 [acesso 10 ago 2016]. Disponível: <https://bit.ly/2IUxyv5>

PAIVA, L. M.; GUILHERM, D.; SOUSA, A. L. O Ensino da bioética na graduação do profissional de saúde. *Medicina (Ribeirão Preto)*, v. 47, n. 4, p. 357-69, 2014.

PESSALACIAL, J. D. R.; OLIVEIRA, V. C.; RENNÓ, H. M. S.; GUIMARÃES, E. A. A. Perspectivas do ensino de bioética na graduação em enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 64, n. 2, p. 393-398, 2011.

RAMOS, F. R. S.; SCHOELLER, S. D.; BREHMER, L. C. F.; AMARAL, R. F. C.; MELO, T. A. P. Motivações e experiências do ensino da ética/bioética em enfermagem. *Av Enferm*, v. XXVIII, p. 40-7, 2010.

RAMOS, F.R.S. et al., A ética que se constrói no processo de formação de Enfermeiros. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 21Spec. jan.-fev. 2013.

REGO, S. A formação ética dos médicos: saindo da adolescência com a vida (dos outros) nas mãos. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003.

REGO, S.; GOMES, A. P.; SIQUEIRA-BATISTA, R. Bioética e Humanização como Temas Transversais na Educação Médica. *Rev Bras Educ Med.*, v. 32, n. 4, p. 482-91, 2008.

REGO, S.; PALACIOS, M.; SCHRAMM, F. R. Ensino da bioética nos cursos de graduação em saúde. In: MARTINS, J. J. N. et al. (Orgs.). *Educação médica em transformação*. São Paulo: ABEM; Hucitec, 2004.

REICH, W. T. The word "bioethics": its birth and the legacies of those who shaped it. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 4, n. 4, p. 319-335, dec.1994.

SERODIO, A. M. B.; ALMEIDA, J. A. M. Situações de conflitos éticos relevantes para a discussão com

estudantes de Medicina: uma visão docente. *Rev Bras Educ Med.*, v. 33, n. 1, p. 55-62, 2009.

SILVA, R. M.; GURGEL, A. H.; MOURA, E. R. F. Ética no processo ensino-aprendizagem em enfermagem obstétrica. *Rev Esc Enferm USP*, v. 38, n. 1, p. 28-36, 2004.

SIQUEIRA, J. E. O ensino da bioética no curso médico. *Bioética*, v. 11, n. 2, p. 33-42, 2003.

SIQUEIRA, J. E. Universidade: uma ponte para o futuro. In: ALMEIDA, M., organizador. *A universidade possível*. São Paulo: Cultura; 2001. p. 274-84.

SIQUEIRA, J. E.; EISELE, R. L. O Ensino da Ética no Curso de Medicina. *Rev Bras Educ Med.*, v. 24, n. 1, p. 22-6, 2000.

SIQUEIRA, J. E.; SAKAI, M. H.; EISELE, R. L. O ensino da ética no curso de medicina: experiência da Universidade Estadual de Londrina (UEL). *Bioética*, v. 10, n. 1, p. 85-95, 2002.

VERZARO, P. M.; MARINS, J. B.; FALCÃO, B. C. S.; ARAÚJO, M. S. M.; SARDINHA, A. H. L. Ensino da ética e deontologia nos cursos de graduação em enfermagem: uma revisão de literatura. VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas. UFMA, 2017.

ZANATTA; J. M.; BOEMER, M. R. Bioética: uma análise sobre sua inserção nos cursos de graduação em enfermagem em uma região do Estado de São Paulo. *Centro Universitário São Camilo*, v. 1, n. 2, p. 63-69, 2007.